



Hospital do Gama amanheceu cercado por PMs devido aos protestos dos servidores que repudiavam a saída do diretor. O secretário Milton Menezes foi recebido à tarde com manifestações



Antonio Cunha

# Protesto adia posse de diretor do HRG

Embora tenha empossado, na manhã de ontem, o general da reserva Moacir Guimarães como o novo diretor do Hospital Regional do Gama (HRG), o secretário de Saúde, Milton Menezes, resolveu adiar para hoje à tarde a confirmação de que Moacir irá, efetivamente, ocupar o cargo. Isso porque os funcionários e médicos do HRG não aceitaram a forma pela qual o secretário escolheu o novo diretor, interromperam as suas atividades ontem e exigiram que houvesse uma consulta prévia a eles antes da indicação de qualquer nome.

A paralisação só foi suspensa após o recuo do secretário, que decidiu negociar com os servidores, propondo-lhes uma trégua. Milton Menezes só chegou a essa alternativa após ter discutido muito com representantes dos médicos, funcionários e da comunidade, na sala da direção. Depois de uma hora de reunião a portas fechadas com seus assessores, o secretário anunciou a sua proposta, que foi aceita mais tarde em uma assembleia dos funcionários. A trégua se encerra às 14h00 de hoje, quando o secretário prometeu levar todas as autoridades do setor de saúde do DF para, em conjunto com representantes do HRG, discutir qual a melhor forma para a sucessão de Jesus Benedito de Melo, que foi afastado do cargo pelo secretário Milton Menezes, anteontem.

**Três chefias**  
A crise no HRG atingiu proporções maiores com a saída de Jesus, que deixou o hospital criticando a Secretaria de Saúde e dizendo ser impossível administrar o inadministrável. A demissão do diretor foi provocada pelo resultado de uma investigação para apurar irregularidades encontradas no HRG em duas blitzes feitas recentemente pela secretaria. Somou-se a isso a confirmação, pelo próprio secretário de Saúde, de que seriam necessárias outras três demissões de chefias para adequar melhor o hos-

pital à proposta do sistema de saúde do DF.

O chefe de enfermagem do HRG, Ageu Medeiros, o chefe da Ginecologia, Paulo Luciano Pucci, e o chefe do Departamento de Recursos Humanos, João Vieira foram os apontados pelo secretário como possíveis demitidos.

Com o afastamento de Jesus de Mello da direção do HRG, também a chefe do Serviço de Emergência, Tânia Mara Assis, o coordenador da Seção de Medicina Integrada, Joelson Devoti, e o vice-diretor do hospital, Zacarias Dias Rodrigues, entregaram os seus cargos de confiança. Zacarias, no entanto, concordou em assumir a direção do HRG até as 14h00 de hoje, quando o impasse deverá ser resolvido pelo secretário de Saúde.

**Corredor**  
Os funcionários e médicos do HRG, após concordarem com a proposta do secretário, marcaram para hoje duas assembleias: uma, às 10h00, onde informarão aos colegas do turno matutino sobre o ocorrido ontem à tarde, e outra às 13h00, quando tomarão uma posição única sobre o que negociar com Milton Menezes. Ao término da reunião de ontem, já às 18h30, Milton Menezes saiu, acompanhado pelo diretor nomeado do HRG e pelo diretor do Departamento de Recursos Humanos da Fundação Hospitalar, Nelson Marabuto, entre um corredor de funcionários, que de mãos dadas e em silêncio esperaram até a saída deles para depois gritarem frases de efeito contra a política de saúde do GDF.

O general Moacir Guimarães, caso seja confirmado no cargo de diretor do HRG, exercerá pela segunda vez essa função num hospital. Ele foi, durante três anos, diretor do Hospital das Forças Armadas. A sua posse foi realizada às 8h30, numa cerimônia simples, nas dependências do Centro de Processamento de Dados da Fundação Hospitalar.

## Cerco da PM gera tensão

O Hospital Regional do Gama amanheceu ontem cercado de policiais militares. Em dupla, eles vigiavam as entradas do hospital e, durante toda a manhã, formaram um "corredor polonês" no hall que dá acesso à direção. Os funcionários se concentraram no local para protestar contra o afastamento de Jesus Benedito de Melo da direção do hospital, que ontem só prestou atendimento de emergência.

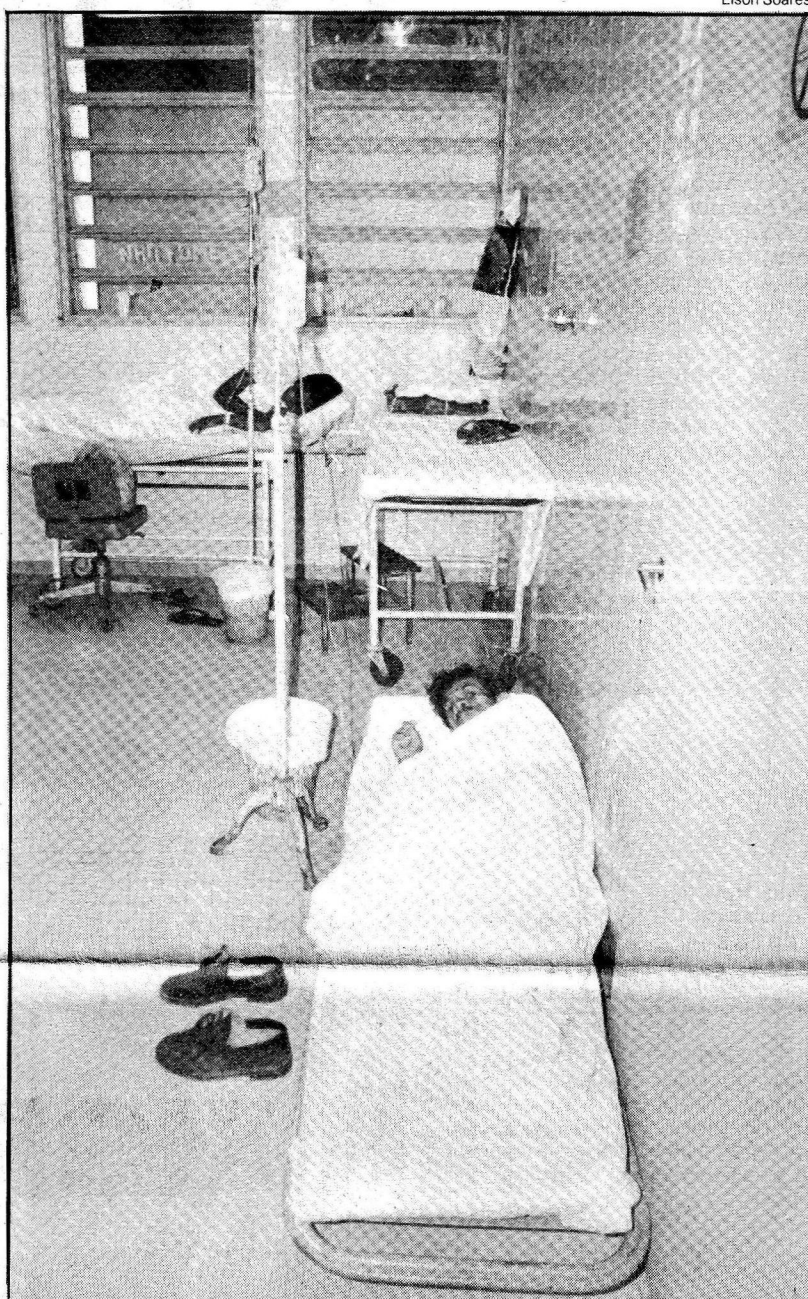
Apesar do clima de insatisfação não houve incidentes com a polícia no período da manhã. O secretário de Saúde, Milton Menezes, assegurou que não pediu policiamento e que a PM deve ter ido para o HRG por causa da ameaça dos funcionários de impedir que o médico Moacyr Guimarães, o novo diretor, assumisse o cargo.

Pouco antes do meio-dia, através de um telefonema para o Secretário de Segurança Pública, Milton Menezes pediu que os policiais se retirassem do hospital. A retirada da PM tranqüilizou um pouco os manifestantes, mas não evitou que eles continuassem reunidos em assembleia permanente até a chegada de Moacyr Guimarães.

No pronto-socorro, onde são atendidas cerca de mil pessoas diariamente, os funcionários explicavam aos pacientes os motivos da paralisação. Nas demais unidades os funcionários se revezavam para ir até o local onde estava havendo a manifestação. Os pacientes, avisados sobre a paralisação, tiveram suas consultas e cirurgias desmarcadas.

A presença da polícia no hospital, embora não seja uma novidade, causou um grande constrangimento aos funcionários. Com a chegada da imprensa e a exaltação dos ânimos, temeu-se, em determinado momento, que pudesse ocorrer algum incidente grave.

Elson Soares



Os pacientes são atendidos em condições precárias no hospital

## Paciente sofre sem socorro

Gritando de desespero, o mecânico José Vicente da Silva Neto teve que ser removido, ontem, para o Hospital de Base porque o pronto-socorro do HRG não tinha um analgésico para amenizar as dores provocadas por um acidente grave que quase esmagou-lhe o corpo. Não havia, também, maca onde pudesse ficar deitado. Muito menos aparelho de raio-x para verificar se teve fraturas.

O pronto-socorro, segundo funcionários que se revoltaram com a cena, é o próprio retrato da falta de infraestrutura do hospital. Na sala de medicação da unidade viam-se, ontem, dezenas de pacientes tomando soro espremidos numa área mínima, outros deitados em macas esparramadas pelos corredores. Além da emergência, todas as demais unidades enfrentam problemas.

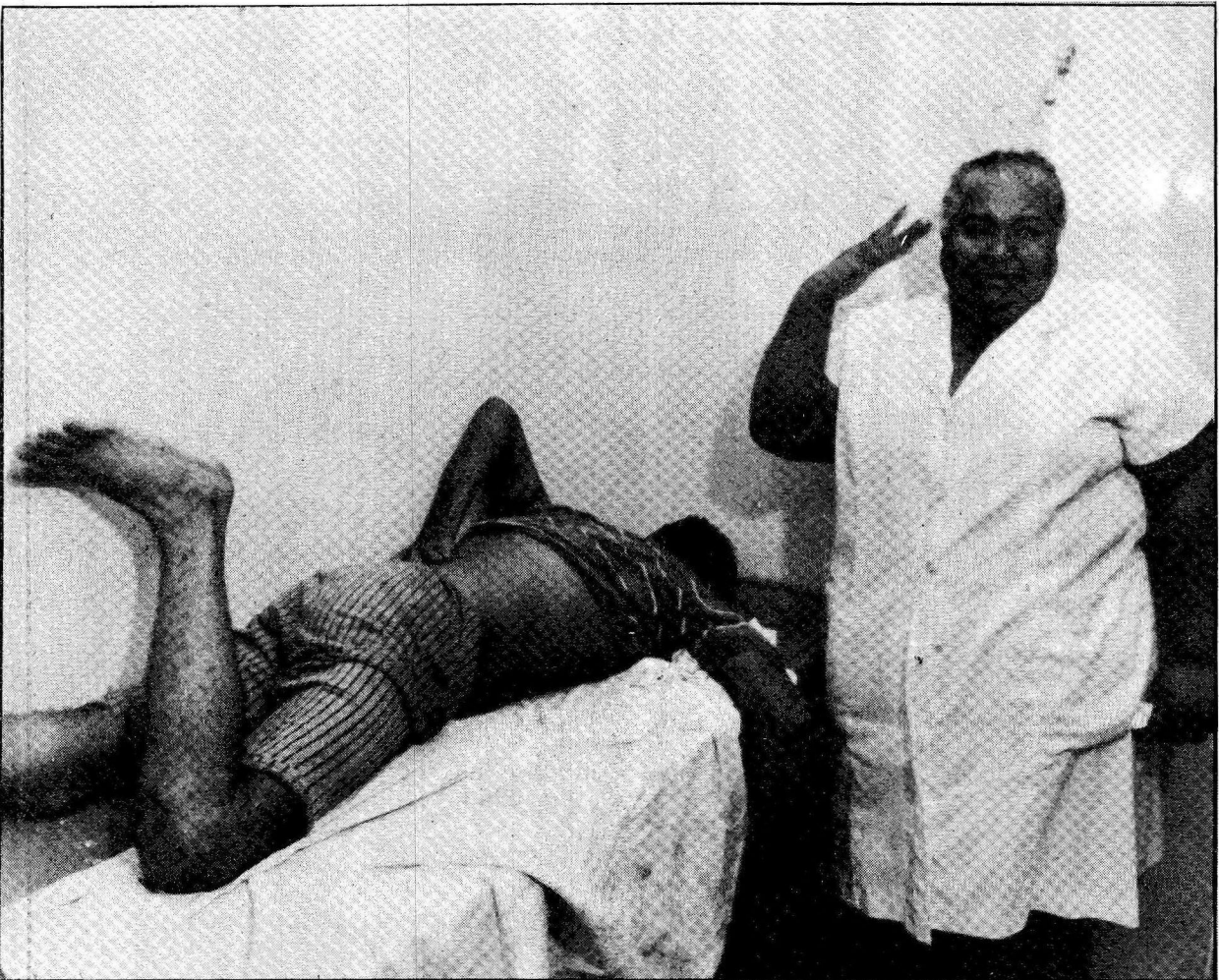
**Antisséptico**  
O médico Paulo Luciano, chefe da Unidade de Ginecologia, conta que, recentemente, foi necessário fazer a lavagem vaginal de gestantes antes do parto com água sanitária diluída em água filtrada por falta do antisséptico adequado. O fio cirúrgico usado da Unidade de Terapia Intensiva de adultos, na verdade, só deveria ser usado em crianças. O gesso de 20 centímetros, usado para grandes gessados, tem que cobrir a falta de material semelhante mas de menor espessura, adequado para fraturas menores.

A farmácia do HRG está sem 74 itens padronizados e de uso comum a toda a rede hospitalar. Segundo garante o encarregado João Freire, falta desde um simples anestésico até os antibióticos, corticóides, colírios. "A única coisa que não falta nesse hospital é doente", ironiza a delegada sindical Maria Alice Veniche.

O agente administrativo Geraldo Ferreria lembra de citar que o único aparelho de raio-x em funcionamento é o que faz imagens de fraturas leves e de pulmão. "Quem chegar aqui com uma suspeita de fratura de crânio não terá como saber se há ou não o problema", garante. Há dois anos, assegura, o aparelho que faz o raio-x do aparelho digestivo está quebrado.

**HRAN**  
No Hospital Regional da Asa Norte a situação não é muito diferente, especialmente no pronto-socorro. Os pacientes estão em macas no chão, alguns sequer têm um lençol. O aparelho que faz o raio-x de estômago e esôfago também está quebrado há mais de um ano, os laboratórios estão sem reagentes para os exames.

Os médicos do HRAN reúnem-se hoje, às 19h30, para debater a falta de condições de trabalho e as medidas a serem tomadas. A dirigente sindical Arlete Sampaio diz que a situação do HRG e HRAN é comum em toda a rede hospitalar, ficando a cada dia "mais tensa e preocupante".



José Vicente, com a irmã enfermeira: muitas dores mas nenhum analgésico para amenizá-las